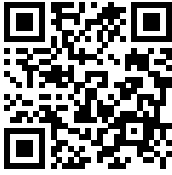


## Prólogo



DOI: <https://doi.org/10.52501/cc.432.00.01>

Gostaríamos inicialmente de agradecer pelo convite e privilégio de escrever este prólogo de tão importante publicação — *Huertos terapêuticos e educativos: Enfoques teóricos, metodologia e práticas na América Latina*. O CEPAGRO é uma ONG do sul do Brasil, que desde 1990 atua no tema da agricultura familiar, e nos seus últimos 25 anos se dedica também na temática da Agroecologia e agricultura urbana, como um eixo do seu trabalho. Encontramos muitas confluências que são apresentadas no livro e desde aí, já se percebe que não importa onde aconteça a horta, em territórios distantes uma das outras, mas que carregam o valor que uma horta pode trazer, para a produção de alimentos, bem como para as relações humanas, e para uma saúde integral. Esses elementos fazem parte da Agroecologia, um saber que não é só acadêmico ou teórico, mas que junto com a prática e uma ação coletiva, é capaz de tecer histórias de pessoas, que a partir de uma horta foram capazes de mudar suas próprias vidas.

A presente obra nasce em um momento em que os debates sobre saúde integral, educação ambiental e práticas de cuidado ganham nova centralidade nas agendas públicas e comunitárias da América Latina. Em inúmeros territórios, as hortas terapêuticas e educativas têm se consolidado como práticas inovadoras, capazes de articular saberes tradicionais, abordagens contemporâneas e experiências situadas que respondem a desafios sociais complexos. Esta publicação reúne pesquisas, relatos e reflexões que revelam a potência transformadora dos espaços cultivados — não

apenas como lugares de produção de alimentos, mas sobretudo como territórios de cuidado, aprendizagem e pertencimento.

Ao reunir trabalhos de diferentes países, instituições e campos disciplinares, este livro propõe um olhar ampliado sobre as hortas como dispositivos capazes de promover saúde mental, fortalecer vínculos sociais, desenvolver capacidades individuais e coletivas, e apoiar processos pedagógicos críticos. Os textos que o compõem mostram que o ato de cultivar a terra é também um ato de cultivar subjetividades, vínculos, autonomia e cidadania. Em cada capítulo, emerge a compreensão de que a horticultura, quando orientada por princípios terapêuticos e pedagógicos, assume dimensões que vão além da técnica: ela se torna prática social, intervenção comunitária, metodologia educativa e estratégia de cuidado.

Os capítulos dedicados às hortas terapêuticas revelam uma diversidade de experiências que colocam o cultivo no centro de processos de reabilitação, inclusão e bem-estar. Desde iniciativas voltadas a pessoas com necessidades especiais na cidade de San Luis Potosí, no México, até experiências de terapia hortícola dirigidas ao desenvolvimento de habilidades sociais, os textos mostram o papel da horticultura no enfrentamento de desafios psicossociais e na ampliação das possibilidades de participação social. Os relatos sobre a construção de vínculos com a terra, a criação de espaços de aprendizagem sensorial, a estimulação de habilidades motoras e cognitivas e o cuidado compartilhado refletem um movimento regional que reconhece no huerto um recurso terapêutico legítimo e eficaz.

A obra também destaca experiências situadas em contextos marcados por profundas vulnerabilidades, como instituições prisionais e programas de comunidade terapêutica. Nestes ambientes, as hortas revelam sua força simbólica e prática ao proporcionar momentos de liberdade, criatividade, autonomia e ressignificação da vida cotidiana. São práticas que desafiam fronteiras institucionais rígidas e demonstram como a natureza cultivada pode ser mediadora de processos de reconstrução subjetiva, convivência e transformação pessoal. Ao abordar vivências de mulheres em cárcere, adultos em processos de tratamento, idosos e famílias que encontraram na horticultura um caminho de apoio emocional durante a pandemia de covid-19, os capítulos evidenciam a transversalidade e a adaptabilidade dessa prática.

A segunda parte do livro, dedicada às hortas educacionais, amplia a reflexão ao demonstrar como a horticultura se integra a práticas pedagógicas que fortalecem autonomia, criatividade, capacidade crítica e aprendizagens significativas. As experiências com estudantes com necessidades educativas especiais, os relatos sobre metodologias lúdicas que conectam jogo, imaginação e cultivo, e as análises sobre práticas escolares que estimulam hábitos alimentares saudáveis mostram que os huertos educativos constituem ambientes privilegiados para uma pedagogia sensível, ativa e agroecológica.

A variedade de experiências discutidas —desde o Huerto Universitario da Universidade Autónoma de Chiapas até iniciativas voltadas a adolescentes e projetos de construção metodológica sobre autonomia— demonstra que o espaço cultivado funciona como laboratório pedagógico. Nesses ambientes, conceitos como território, interdependência, responsabilidade, colaboração e sustentabilidade deixam de ser abstrações e passam a ser vivenciados de maneira concreta, cotidiana e transformadora. Ao mesmo tempo, os capítulos que abordam os fundamentos teóricos das hortas educativas ressaltam que essas práticas não são apenas instrumentos pedagógicos, mas ferramentas epistemológicas que contribuem para uma educação mais integrada, ecológica e interdisciplinar.

Ao articular dimensões terapêuticas e educativas, esta obra revela que as hortas na América Latina têm gerado práticas contextualizadas que dialogam com as realidades territoriais e com os desafios contemporâneos de saúde, educação e sustentabilidade. Cada capítulo se torna testemunho de como o cuidado com a terra e o cultivo de plantas podem ser caminhos para fortalecer a autonomia, ampliar capacidades, transformar relações sociais e promover uma visão mais integral de saúde e educação. Trata-se de uma contribuição que ultrapassa fronteiras disciplinares e que aponta para a necessidade de políticas públicas que reconheçam o papel das hortas como estratégias estruturantes em territórios urbanos e rurais.

Percebe-se que publicação deste livro é também resultado de um esforço coletivo de instituições, redes e grupos de pesquisa que apoiaram a sistematização dessas experiências, aos profissionais e educadores que desenvolvem, em seus territórios, práticas de hortas com compromisso e sensibilidade, e às famílias, estudantes, mulheres, jovens, idosos e pessoas

com necessidades especiais que compartilharam suas vivências, permitindo que estas reflexões ganhassem forma.

Este livro convida o leitor e a leitora a percorrer caminhos que atravessem hortas familiares, escolas, universidades, prisões e comunidades. Convida também a pensar com o corpo, com as mãos na terra, com a experiência sensível de quem cultiva e aprende ao mesmo tempo. Em meio a crises ambientais, sanitárias e sociais, as hortas terapêuticas e educativas se afirmam como espaços capazes de produzir saúde, autonomia, vínculos e esperança. As reflexões aqui reunidas com certeza inspiram novas práticas, fortalecem redes e ampliam o reconhecimento da horticultura como campo potente de intervenção e pesquisa na América Latina.

Parabéns a autoras e autores e todas as pessoas envolvidas na construção das experiências!

ERIKA SAGAE  
*Centro de Estudos e Promoção  
da Agricultura de Grupo (CEPAGRO)*  
Florianópolis, Brasil